

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

ANO 1 - NÚMERO 1 - JULHO A DEZEMBRO DE 2004

[início](#)

MÁRIO DE ANDRADE E A CULTURA POPULAR: UM CASO DE AMOR

Ivone Ramos Maya
UFF

ABSTRACT – This paper focuses on the connections between the modernist writer Mario de Andrade and Brazilian popular culture, taking as leading thread the intertextual relation between the preface in *Na pancada do Ganzá* (the author's unfinished ethnographic work) and Coriolano de Medeiros's introduction to the anthology *Cantadores e Poetas Populares*, published by Francisco Chagas Baptista in 1929.

Não pretendi fazer obra de etnógrafo, nem mesmo de folclorista, que isso não sou: pretendi foi assuntar, atocaiar com mais garantias a namorada chegando.(...) Se alguma nova eu terei fixado, foi sempre por essa precisão que tem o amante verdadeiro, de conhecer a quem ama.
(Mário de Andrade, no “Prefácio” de *Na Pancada do Ganzá*)

Uma ponta de decepção, um tom de queixume, é o que se percebe na leitura das palavras finais de Coriolano de Medeiros¹ à introdução da antologia *Cantadores e poetas populares*, de autoria de Francisco Chagas Baptista, publicado em 1929. O mérito de Chagas Baptista teria sido reunir pela primeira vez farto material poético de cantadores de sua terra (a Serra do Teixeira, na Paraíba, considerado o berço da Literatura de Cordel), muitos até então desconhecidos — atitude essa que vai merecer a lisonja do prefaciador e também ilustre conterrâneo, preocupado com a migração do material folclórico nordestino. Mas não deixa de se queixar do “esquecimento” de Chagas Baptista em relação às músicas de sua terra:

que se vão indebitamente se apropriando os maestros das cidades colhendo, elles sós, resultados mais do que satisfactorios? A poesia nacional não deve esquecer a música nacional. [Grifo nosso]

O prefácio data de dezembro de 1928. Embora curto, o texto pontua com bastante clareza um temor: os livros dedicados ao folclore nordestino, em sua

maioria seriam feitos por escritores que “inventam folk-lore também”. O de Chagas Baptista seria exemplar² nesse aspecto, pois teria o mérito não só de preservar a forma original dos poemas dos cantadores, fornecendo um “testemunho idôneo (...) de material colhido, cirandado nas próprias fontes”, como também reuni-los como produção cultural específica de uma região bastante rica em nomes de poesia popular.

No entanto, a referência aos “maestros da cidade” é mais incisiva, pois segundo o autor seriam estes os responsáveis pelo esvaziamento da produção popular do ponto de vista local. Os motivos estariam viajando, migrando indevidamente para as cidades... Antes de nos determos nessa acusação de Coriolano é interessante se fazer uma retrospectiva, digamos, histórica.

Num livro intitulado *A literatura de folhetos nos Fundos Villa-Lobos*, de autoria da antropóloga Ruth Brito Lêmos Terra, ficamos sabendo da existência de uma coleção de textos reunidos há mais de setenta anos, e que fazia parte de um projeto maior de Mário de Andrade, visando a sistematizar e publicar a produção popular brasileira. O interessante é a maneira como se originou a Coleção: a partir das sucessivas viagens empreendidas por músicos, compositores, etc. ao Norte e Nordeste patrocinadas pelo mecenas Arnaldo Guinle, com vistas a reunir numa antologia todo o folclore nacional.

Pixinguinha, Donga e João Pernambuco participam dessa empreitada e caberia a Villa-Lobos reunir o material coletado. A autora nos relata os percalços acontecidos no meio do caminho, como os desentendimentos dos “pesquisadores” com o mecenas do Projeto. Apesar disso foram recolhidos 633 textos, alguns copiados mais de uma vez, num total de 527 obras: romances, trovas, letras de música urbana, poemas popularescos como os de Catulo da Paixão Cearense e poemas da literatura erudita como os de Castro Alves e Tobias Barreto. Os textos, no entanto, salvo exceções, não contêm indicação de autoria, local e data de publicação.

Ruth Terra nos informa que a maioria desses textos — cerca de trezentas obras — refere-se à Literatura Popular, mais especificamente a folhetos de Cordel. As pastas contendo esse material foram apresentadas por Heitor Villa-Lobos a Mário de Andrade, antes de 1929. Nessa mesma época Mário já tinha publicado *Macunaíma*, realizado duas viagens a Amazônia como “turista aprendiz” e ao Nordeste coletando dados para um projeto de grande porte: um livro que seria célebre, se não ficasse inacabado, apenas no prefácio, intitulado *Na Pancada do Ganzá*³. O título da obra é uma homenagem de Mário ao cantador de coco Chico Antonio e à sua habilidade em manejar o instrumento de percussão, o ganzá. No entanto, esse projeto não virá à luz e, na expressão de Telê Porto A. Lopez, trata-se de um “importante texto abandonado” por seu autor.

Por outro lado é curioso observar uma coincidência intertextual entre o

prefácio de Coriolano ao livro de Chagas Baptista, já mencionado anteriormente, e as palavras de Mário, quase uma confissão, nessa introdução ao livro-inacabado. O empenho ambicioso de Mário de editar a vida popular brasileira, a verdadeira cultura popular, acabaria resumido a um Prefácio, onde lemos simultaneamente sua “posição no tocante ao folclore e à cultura popular, dentro do nacionalismo estético e (...) também sua perplexidade de escritor frente aos acontecimentos de 1932:” (LOPEZ, 1983: 53).

Quando se tem o coração bem nascido, capaz de encarar com seriedade os abusos do povo, uma coisa dessas comove muito e a gente não esquece mais. Do fundo das imperfeições de tudo quanto o povo faz, vem uma força, uma necessidade que, em arte, equivale ao que é a fé em religião (...) É mesmo uma pena os nossos maestros não viajarem o Brasil. Vão na Europa, enlambusam-se de pretensões e enganos do outro mundo, pra amargarem depois toda a vida numa volta injustificável. Antes fizessem o que eu fiz, conhecessem o que amei, catando por terras áridas, por terras pobres, (...) essa única espécie de realidade que persiste (...) e que é a própria razão primeira da Arte: a alma coletiva do povo. (...) Porque não basta saber compor. Carece ter o que compor. (ANDRADE, 1980: 56) [grifo do autor]

No prefácio observamos o trato meticuloso de Mário, quanto à forma e estrutura do livro e a designação dada a cada parte: a língua e a Poesia, a música, danças dramáticas, melodias do Boi, etc. Esse primeiro esboço, no entanto, será mexido pelo autor e o prefácio tomará a forma escrita definitiva em 1932, embora a forma original remonte a 1929 com o início da coleta da vasta bibliografia de apoio.

Insistamos, portanto, nesta data, pois ela coincide exatamente com a publicação do livro de Chagas Baptista e pelo fato de que, já nessa época encontrava-se Mário literalmente apaixonado pela criação popular. Como assinala Telê Porto é provável que o Prefácio contenha duas leituras: uma que mostra o desejo do escritor em realizar o amplo projeto e outra, que nos revela sua consciência política, através da discussão do “estaduanismo” expressa pelas considerações sobre a Revolução de 32, o que vai acarretar, provavelmente, o desinteresse pelo livro.

A discussão sobre o estaduanismo parece ser o item do Prefácio, que contém subliminarmente a resposta de Mário a Coriolano, pois estabelece ao acaso uma linha dialógica de argumentos, em que o autor se esquiva da acusação contida no texto do paraibano, ressaltando a eterna “rivalidade” do resto do Brasil em relação a São Paulo:

O Rio Grande do Norte tem birra da paraíba, a Paraíba

tem muita birra de Pernambuco, Pernambuco tem birra da Paraíba (...) É que todos tem birrinha uns dos outros, todos se juntam pra ter birra de São Paulo. Em Minas, em 1917 e em 1924, no Pará, no Amazonas, Mato Grosso, no Rio de Janeiro, na Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, de sergipanos e piauienses também a bordo, eu surpreendia a vaga amargura por S. Paulo, concretizada então no tipo ideal do paulista, riquíssimo, secarrão, orgulhosíssimo e desprezador, que a imaginação sofrida da burguesia brasileira criara, pra poder detestar ou apenas maldar, com mais razão.

Os “maestros da cidade” a que se referia Coriolano seriam o próprio Villa e seus auxiliares diretos, músicos e compositores dedicados a recolher os elementos nacionais, fossem eles versos, modinhas, poemas. Indiretamente, Mário se incluirá no rol. Seu interesse pela criação popular, no entanto, antecede a 1929, pois segundo ainda Telê Porto (LOPEZ, 1983), já em *Paulicéia Desvairada* ele teria ousado incorporar em seus poemas elementos oriundos do folclore, devotando admiração a Silvio Romero e Mello Moraes.

Entre maio e agosto de 1927, Mário realizaria a primeira de suas “viagens etnográficas”⁴, percorrendo um trecho da Amazônia, em companhia de figuras ilustres da aristocracia paulista. É ainda como turista-aprendiz que visitará o Nordeste no ano seguinte. Seu propósito é um só: recolher material etnográfico (embora não use essa denominação) para uma obra futura, onde estariam reunidos os estudos sobre músicas, danças dramáticas, folclore, etc. e conhecer de perto o povo brasileiro:

Quando parti para o Nordeste em dezembro de 1928, não tinha a mínima intenção de construir uma viagem etnográfica. Pretendia sim recolher cantos populares, e quantos pudesse, porém sem a mais mínima organização. Recolheria o que topasse em meu caminho.

A queixa de Coriolano é praticamente elucidada por Mario: onde o primeiro via apropriação indébita do folclore regional, o outro defende-se falando de uma “colheita” absolutamente imparcial, sem ligação com a tarefa de etnógrafo ou folclorista, apenas exercício de uma paixão. Ao lado desse nítido “bairrismo” de Coriolano, sobrepõe-se a preocupação de Mário de fixar a “entidade nacional”, colaborando com o povo enquanto este se revelava, isto é, à medida em que o escritor enxergava na produção popular os traços da cultura. Um antropólogo moderno *avant la lettre*, assim poderia ser definida a sua postura. Distante da postura de ficar abancado na escrivania da Rua Lopes Chaves, como diz em *Dois poemas acreanos*, um dos mais célebres de

sua extensa obra poética. Mas, ao contrário, sair de si mesmo e deixar o povo revelar naturalmente suas expressões legítimas, cabendo a ele observar e descrever.

Em Coriolano e Mário, aqui considerados, pela leitura intertextual, interlocutores virtuais, detectamos dois movimentos opostos: no primeiro, o temor pela “fuga” dos motivos do folclore nordestino adquire conotação obsessiva; pois ao mesmo tempo em que demonstra zelo, aprisiona o objeto numa moldura local, asfixiante e retrógrada.

Em Mário, ao contrário, estabelece-se um compromisso, uma espécie de contrato de trabalho com a causa popular, absolutamente desapegado de qualquer intenção malévola a não ser a de reunir essa vasta manifestação num projeto ambicioso, infelizmente não concluído, que o envolverá literalmente anos a fio, obrigando-o a adiar outros tantos textos e ficções, que compunham seu universo habitual de trabalho.

NOTAS

1 João Rodrigues Coriolano de Medeiros nasceu no Município de Patos, a 30 de novembro de 1875. Foi sócio fundador do Centro Literário Paraibano, da Associação de Homens de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, de cuja primeira Diretoria fez parte. Por sua iniciativa e inspiração, foi fundada a Academia Paraibana de Letras, da qual foi o primeiro presidente.

2 Segundo Coriolano, o livro seria o mais “original em todo o Brasil” .

3 Alguns depoimentos de Mário a amigos e entrevistas a jornais na época comprovam o seu empenho em relação ao livro. No jornal *Diário Carioca*, em 5/08/1934, Mário revelará ao repórter que tem projetos demais e que "no momento larguei toda e qualquer ficção para terminar o meu livro *Na Pancada do Ganzá*, que é um estudo sobre a música do Nordeste. Espero acabar esse livro até fins do ano que vem. Então irei de novo ao Nordeste, para encher algumas lacunas que ficarem no livro e submetê-lo ao controle de intelectuais de lá (...).”

Em 1935 Mário voltará a falar do projeto:

“(...) No entanto, no momento, não escrevo nada, absolutamente nada de ficção, ocupado que estou em terminar o primeiro volume que é sobre *Danças Dramáticas*, do meu livro sobre folk-lore musical nordestino *Na Pancada do Ganzá*.”

Entrevistado por Jussieu da Cunha Batista, em 1944, que pergunta sobre seus planos de aumentar os quinze volumes das *Obras Completas*, Mário dirá que dentre os trabalhos novos, “pretendo ver se concluo pelo menos dois, o primeiro volume de *Na Pancada do Ganzá*, sobre folclore nordestino, e o *Seqüestro da Dona Ausente*, também folclore, estudando as ressonâncias que teve na poesia popular luso-brasileira a ausência de mulher nos portugueses navegadores e nos primeiros tempos coloniais.”

Mário da Silva Brito nos confirma o empenho de Mário em relação a esse livro ao folhear o fichário de *Macunaíma*: “Continuo a curiosar o fichário de Mário de Andrade. Estou na seção de folclore. Interrogo o escritor sobre o livro

prometido *Na Pancada do Ganzá*. Não é propriamente o título de um livro — informa o autor de Belazarte. É um nome genérico. Uma espécie assim de indicação de um ciclo folclórico de sua obra. Sob essa denominação caberiam todos os estudos já feitos e ainda por fazer: música de feitiçaria — ‘catimbós’ — danças dramáticas como as ‘Cheganças de Mouros e Marujos’ e outros.”

4 Consultar meu ensaio, “Anti-viajante que sou: o conceito de viagem na obra de Mário de Andrade”. In: *Ipotesi — Revista de Estudos Literários*. Juiz de Fora, UFJF, v. 3, nº 1, 1º sem. de 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPEZ, Telê Porto A. Um projeto de Mário de Andrade.. In: *Mário de Andrade. Entrevistas e depoimentos*. LOPEZ, Telê Porto A. [Org.]. São Paulo: T. A. Queirós, 1983.

ANDRADE, Mário de. Na Pancada do Ganzá. *Arte em Revista*. São Paulo, Kairós Livraria e Editora Ltda, ano 2, número 3, março de 1980.